



GEOGRAFIA

Percorremos com Alonso Vidal as Salinas do Ulhó, lugar integrado na Rede Natura mas vítima das desfeitas urbanísticas e da poluição, “mais um exemplo do empenho das administrações públicas polo cuidado do litoral”.

CRIAÇOM

Este mês colabora connosco Olalla Cociña, jornalista, poeta e *blogger*. Começou a ganhar prêmios de poesia bem nova, ainda que considere que escrever é antes um passatempo e nom um trabalho. O seu primeiro livro de poemas é *As Cervicais da Memoria*, que conseguiu un galardom da Associação Cultural 'O Facho'. Seguírom-se muitos mais, impressos e digitais. Este mês, em *Criaçom*, falamos de poesia.

PERVERSONS CATÓDICAS

Acostumados como estamos à repetiçom de fórmulas e à contínua multiplicaçom do idêntico que circula polas nossas TDTs, Iván García Ambrunheiras recomenda chegar-se à exposiçom do CGAC *Estades preparados para a televisom?*, a qual é possível visitar até 18 de setembro. A amostra ensina-nos através de um abafante espaço expositivo, cheio por todas as partes de ecráns que nom deixam de emitir, e de horas e horas de seleçom de programas, que outra televisom é possível.

TEMPOS MODERNOS

As plantas que falam: algumhas flores da Galiza

Carlos C. Varela

A sociedade tradicional desconhecia a divisom moderna entre sujeito e objeto, pois habitava um mundo em que todo estava interrelacionado, e no qual nada era alheio ao ser humano. Nom estranha entom que as plantas, recurso fundamental em apoio do camponês, nom fossem só “boas para comer”, senom também –na expressom de Claude Lévi-Strauss– “boas para pensar”, condensando todo um sistema de valores nos seus nomes, lendas, usos, etc. Bem indicador disto é o nome do livro “fundador” da etnobotânica: *Plantas dos Deuses*, escrito em colaboraçom de Richard Evans Schultes e Albert Hofmann.

Na atualidade, o desmantelamento do mundo tradicional acarreta a perda de toda esta sabedoria etnobotânica, embora existam louváveis tentativas militantes de cuidar esta riqueza, merecedoras de recordo. Em 1979 Xosé Ramón García publicava umha pioneira *Pequena flora de Galicia*, apostando na unidade da língua e o português como guia para a recuperaçom de nomes tradicionais da nossa flora, e acometendo o seu trabalho como umha tarefa de

“reconstruçom nacional”, palavras que hoje soariam demasiado duras aos ouvidos subvencionados do patriotismo rendível.

Umha rica tradiçom anima as plantas na cosmovisom labrega como sujeitos morais, fornecendo ensinanzas quanto ao bom e ao mau: os narcisos da beira do rio lembram o sofrimento que a vaidade provocou ao filho de Cefiso e Liríope, convidando-nos, sem falta de mais racionalizaçom, a olhar menos para nós próprios e atendermos aos demais. O estramónio (*Datura stramonium*) tampouco fica na neutralidade moral, como se pode apreciar nos seus múltiplos nomes populares: a figueira-do-demo, figueira-do-inferno, erva do demo... Esta solanácea é umha das plantas que mais intoxicaçoms causa no mundo, por causa da sua elevada concentraçom de alcaloides, e... que melhor represantaçom do mal na sociedade tradicional que o demo, figura à qual fam referências os seus nomes? Mas já se sabe que *Deus é bom mas o demo tampouco é mau*, e o reverso da medalha da maligna planta é o seu enorme poder, por exemplo para curar as feridas das



Cytisus albus

bestas (erva do asno) como recordava o Padre Sarmento na sua *Viagem à Galiza* de 1745; matar os gorgulhos (erva do gorgulho), ou entrar nos territórios das alucinaçoms (figueira tola).

Umha flor comum na Galiza é a *Aquilegia vulgaris*, conhecida erva dos pitos. Empregada no escudo de armas da casa francesa de Guisa, foi

usada na antigüidade para elaborar perfumes afrodisíacos e era mastigada polas cortesás, polo que as vestais romanas tinham completamente proibido o contacto com esta flor. Nos Pirinéus, os *mugalaris* empregavam-na de amuleto para atravessar a raia. A variedade de nomes com que se conhece esta bela flor no país dá conta da sua popularidade: bonetes, passarinhos, escornacabras, etc... Por vezes foi empregada como remédio, polas suas propriedades diuréticas e sudoríficas.

O génio camponês achava beleza no mundo que o rodeava. Olhava para umha parede de esquistos e via umbigos de Vénus: os coucelos (*Umbilicus pendulinus*), transformados em filhós pola imaginaçom infantil ao jogarem “às comidas”. Nom iam desencaminhados, já que é comestível, e tem muitos usos medicinais. Eládio Rodrigues Gonçalves aponta no seu *Dicionário* que som bem boas para as queimaduras misturando o seu sumo com azeite, entre outros muitos usos.

A Associação Monte Pindo Parque Natural acaba de pedir ajuda para a defesa de umha planta mui peculiar, endémica do

noroeste ibérico, o *Iris boissieri*, ou Lírio do Monte ou do Jurês, está catalogada como em perigo de extinçom, conservando-se apenas na Serra do Jurês/Gerês, na Serra de Santa Eufémia, no Courel e no Monte Pindo. Também “meio reintegracionista” é o codesso ou pior-no branco, o *Cytisus albus* ou *C. Lusitanicus*, arbusto leguminoso. O uso tradicional é para a queima nos fornos de pam ou para adubos, pola sua riqueza em nitrogénio própria das leguminosas. Ainda, na atualidade já se emprega como ornamento pola sua floraçom.

Um bom exemplo da densidade cultural que pode acumular umha planta, hoje reduzidas a objetos para uso humano –quando os tem–, é o da celidónia (*Chelidonium maius*), também conhecida como erva da andorinha, ceruda, erva leiteira, etc... O seu nome deve-se a que aparece nos tempos em que chegam estes pássaros que limpárom a sangue de Jesus na cruz. Em grego *Chelidonia* significa também andorinha. Na Galiza existe a crença de que o seu jugo amarelo era empregada polas andorinhas para curar os olhos dos seus pitinhos cegos; do mesmo jeito que as maes humanas o empregam para curarem as verrugas das suas crianças. A explicaçom popular do líquido amarelo rico em quelidonina, o alcaloide que queima as verrugas, é que se trata do sangue real da princesa Celidónia, enfeitada desde há séculos, e condenada eternamente a curar verrugas de narizes das mesmas bruxas que a encantárom.



GEOGRAFIA

UMHA ESCAPADA ATÉ AS SALINAS DO ULHÓ

Há poucas semanas, a imprensa divulgava um estudo feito pelo CSIC que punha de manifesto o alto grau de poluição por metais do extremo interior da Ria de Vigo. A empresa de porcelana Pontesa foi despejando durante décadas diretamente para o mar resíduos da sua produção. Hoje os níveis de chumbo, cádmio e zinco nas águas som 10 ou 15 vezes superiores aos normais. Este é mais um exemplo do empenho das administrações públicas pelo cuidado do litoral. Podemos agregar a desfeita urbanística da costa ou o ineficaz tratamento de resíduos e depuração de águas que em lugares como Arcade se mostra com toda a sua crueza. E estamos a falar, por se os e as amigas leitoras nom soubessem, de um lugar que fai parte da Rede Natura.

Alonso Vidal

Como um cruel jogo de contrastes no uso do litoral, muito perto desse lugar, também no extremo mais interior da Ria, podemos contemplar ainda um dos recantos mais valiosos e atrativos do ponto de vista ecológico, etnográfico e paisagístico. Em 2007 o Ministério do Meio Ambiente espanhol, licitou as obras de recuperação do espaço natural das antigas salinas e marismas do Ulhó. Trata-se de mais de 3 km de costa na paróquia de Paredes, em Vila Boa. O investimento foi de 1.4 milhões de euros, mas hoje podemos chegar-nos facilmente a este local, recuperado com certo bom gosto, para desfrutar de um belo passeio por onde outrora e durante anos fora, junto com a da Rabadeira, no Lagares, umha das poucas explorações salinas da costa galega.

Como chegar?

Chegar ao lugar, conhecido desde o século XVI com o nome de vale de Ulhó, é bem fácil se circulamos pola estrada de Ponte Vedra a Vigo; antes de chegarmos a Arcade, na freguesia de Paredes, podemos virar à direita para ir até o clube náutico. Apenas um quilómetro para alcançar a costa. Desde o clube náutico, perto da gasolinheira, podemos empreender o passeio pola costa divisando à esquerda a desembocadura do Verdugo, o porto e praia de Arcade e as naves vazias da anteriormente referida fábrica de Pontesa. Em frente a nós apresentam-se-nos as ilhas Alvedosas, ao fundo a famosa ilha de San Simom e ainda acolá, quase perdida no horizonte, a ponte de Rande. Se a maré estiver baixa podemos ir quase caminhando até as ilhas gémeas das Alvedosas - umha pertence a Souto Maior e outra a Vila Boa. Mas se prosseguirmos o zigzague do carreiro de firme irregular, a pé ou de bicicleta, entre a ria, à esquerda, e um monte de carvalhos, pinheiros e salgueiros, à direita, chegaremos à parte reabilitada. Um painel num

espetacular miradoiro informará-nos das características da fauna e flora do lugar e convidará-nos, por um caminho calcetado recentemente, a visitar as salinas. O caminho rodeia todo o espaço da antiga exploração. Merece a pena rodeá-la para contemplar de perto, se o mar estiver devalado, o lugar onde desde a época do rei espanhol Felipe IV se recolhia o sal. Falamos do ano 1637, quando começa a exploração, segundo recolhe Emilio González López. A concessão seria dada mais tarde ao Colégio dos Jesuítas de Ponte Vedra em 1694.

Riqueza patrimonial

Se dermos a volta ao sendeiro podemos entrar polo oeste do muro perimetral, um enorme dique de mampostaria com aberturas e comportas para regular a entrada de água. Podemos caminhar sobre ele, atravessando a parte exterior do recinto, observando as chegadas da água ao estanque. Fechadas as comportas, a água evaporava-se e ficava o sal. Na parte final do nosso percurso por cima do muro, ainda

Hoje podemos chegar-nos com facilidade a este local, recuperado com certo bom gosto, para desfrutar de um belo passeio por onde outrora e durante anos fora, junto com a da Rabadeira, no Lagares, umha das poucas explorações salinas da costa galega



Dique das salinas visto do interior das mesmas. À esquerda, sobre o dique, as ilhas Alvedosas e mais à direita, ao fundo, a Ilha de San Simom



Dique restaurado. Na zona da esquerda do dique havia um moinho de marés

observamos os restos de um antigo moinho de marés datado do século XIX, um dos poucos da Galiza, e as casas chamadas 'granjas das salinas' usadas polos empregados no trabalho. Nos séculos passados aproveitava-se limpamente o sal das águas e as forças das correntes do fundo da ria como riqueza. Vivia-se disso. No século XX, um

lugar mui próximo deste, foi poluído com chumbo industrial. E nom se vive disso: a fábrica poluente está fechada há 15 anos.

Umha pessoa nom pode deixar de pensar nestes paradoxos enquanto "caminha entre águas" polo dique da salina. Aqui, sentado num dos bancos de pedra, às últimas horas de umha tarde qualquer

de verao, podemos contemplar em paz, acompanhados polo som constante das correntes a atravessar as portas da marisma, um belo pôr-do-sol que impregnará de grandes histórias de pedra antiga, de luzes cálidas e reflexos de água salgada qualquer retina ou, no seu defeito, sensor de cámara fotográfica. Para nom perder.



A FOTO

Alicia Pinheiro

Ao pé da igreja de São Fidel, em Carril, Adão e Eva baixam a cabeça e tapam com vergonha os sexos, como querendo desculpar-se por não serem anjos. A feitura de um cruzeiro no qual já reparou Castela, que o debuxou no seu livro *As cruces de pedra na Galiza*, ergue-se como uma bela labaçada à liberdade e aos direitos das mulheres, simbolizadas nessa antecessora tocada por perdida língua de uma serpe à qual talvez houvesse que agradecer o despertar da consciência feminista. Porque, se algo não queremos ser, é santas.

CRIAÇOM

No polo oposto das construções faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número achegamos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Olalla Cociña tem recebido prémios de poesia desde bem nova. O seu primeiro livro de poemas é *As Cervicais da Memoria* (Edicións Fervenza, 2005), que conseguiu um galardom da Associação Cultural 'O Facho'. Seguírom-se muitos outros, impressos e digitais, sendo o último o *Libro de Alicia* (Espiral Maior, 2008). Este mês chega-se às páginas do NOVAS DA GALIZA para nos falar de poesia.

algumha vez volverei a falar-che da poesia

por Olalla Cociña



entrelaço que vai da galbana ao medo
do presságio ao arrepio
desordem balsámica
que nos sedava assim: as persianas baixas
e o velho cobertor pousado nos geonhos

toda a tarde por diante para des armar-nos

as cousas hoje assemelham-se a si mesmas:
nom perguntes onde vam simplesmente están indo
e já que nom as deixache ir daquela
fai-nas fluir agora e que te cure
a sua corrente dorsal
de vez em quando regressamos:

poesia foi o grao da saraiva que chegou até acó
mancando num sapato
um poema foi descalçar-se e subir rua arriba
feridos de morte polo quarto crescente

dentro do teu peto colhes-me da mao
e desafiando este equilibrio caracol
tangem as campás: só nós podemos escuitá-las
sentados agora num banco da alameda mudos
ilustramos a penumbra: desolaçom de contemplar

a abóbada do palco da música jogando às escuridades

daquela pedes-me que dê um passo adiante: *vem*
convida-nos a passar o timbre secreto da catedral
queima o granito fervendo as tripas dos nenos amantes
que fam sua a natureza fachendosa da cidade
e ao unísono perguntam *que hora é?*
quando chegamos?

atuar e amossar-se é todo um
versos aparecidos no chao sujo
desvela-nos a ánsia por decifrá-los
e passam horas até o raivoso amencer que nos fai celigras
agora sim, queremos que entre de vez a claridade
assistir à manhã
porque ainda tarda em chegar a intuiçom da rotura

o espelho dum provador devolveu-me aquele recendo

a epiderme compartida
perturbando a quietude dos lapiseiros
as páginas do bloc de debuxo
o material de debuxo todo que extraviamos
e un fólio queimado pola beira como a imitaçom naïf

[sem mais de umha carta antiga mui improvável

de entre todos os restos
do instrumental deste grimório
escolho a agulha do compás
para alouminhar-che a modinho a pele mais pequena
nom quero mancar-te mentres falas e falas
da tua cidade que nunca conhecerei
e che conto dos meus que nom che importam
a apariçom do poema como ponher o abrigo

-a única vez que me acuitelárom foi tam de perto
que o sangue em vez de verter por fora
anegou-me o coração

-namorar do assassino está à ordem do dia
já se che passará

e saim dessa casa quando chovia a cachom
sem paráguas sem rumo
jurando em vao nom volver. drama.

(sedar-nos assim: fechar as contras dizer a fame nom
dizê-la
algumha vez falarei-che da poesia)



LÍNGUA NACIONAL

Cinco dias

Valentim R. Fajim

Se pegamos num dicionário eletrónico de português e pesquisamos as palavras que som de origem castelhana, o número resultante situa-se por volta do milhar. A maioria dos verbetes entrárom no período dos Filipes, esses 60 anos em que o rei de Portugal e o de Castela foi o mesmo, sendo precisos, 1580-1640. Foi um espaço histórico em que o contato entre a sociedade portuguesa e a castelhana foi intenso e tivo um eco lingüístico.

Recentemente, começou o aPorto 2011. Assistim a todas as atividades sócio-culturais em

qualidade de observador. Desfrutei, e muito, dos percursos históricos, mesas redondas, teatro, ateliês, comer e beberes mas, deve ter algo de vírico, o meu gozo maior nasceu da observação e da conversa com os alunos e as alunas.

A motivação de alguns deles era aprender a falar como o fai um português, tal qual. Outras, polo contrário, perseguiam contrastar o seu galego com o de Portugal e descobrir a melhor forma de comunicar sem interferências mas sem alterar lá muito o seu sotaque.

Seja qual fosse a intenção, esta



nem sempre coincidia com a prática. Havia pessoas que queriam falar à portuguesa mas acabavam por falar à galega (para alguns deles umha açom infreqüente), e havia os do segundo grupo, que

acabavam imitando o falar dos amigos e amigas do Porto.

Ora, o mais interessante na causa que nos ocupa é que todos eles fizeram descobertas relativamente ao que nom funcionava em

termos comunicativos. Na imensa maioria dos casos eram castelhanismos que passavam a substituir por vozes genuínas com umha facilidade imensa... e nom fôrom 60 anos, apenas cinco dias.

CINEMA

Perversions catódicas

Iván García Ambrufeiras

Acostumados à repetição de fórmulas e à contínua multiplicação do idêntico que circula polas nossas TDTs, chegar-se à exposição que nestes momentos há no CGAC é umha experiência do mais interessante. *Estades preparados para a televisom?* (20 maio-18 setembro) ensina-nos através de um abafante espaço expositivo, cheio por todas as partes de ecrãs que nom deixam de emitir, e de horas e horas de seleção de programas, que outra televisom é (foi) possível. E esta fijo-se em muitos casos por gente que vinha de fora (artistas, ativistas, filósofos), que se infiltrárom num meio que em boa parte do século passado foi considerado o inimigo. Um inimigo que utilizar para desviá-lo desde o interior, mofar-se dele, pervertê-lo, analisá-lo ou diretamente destruí-lo, como nessa famosa performance dos Ant Farm em que o grande evento a gravar é a destruição total do objeto tele.

É por isso que a exposição dedica umha boa parte do seu percurso a esse momento utópico dos 70 e princípios dos 80 onde o meio parecia permeável. Desviações através da crítica direta, mas também pondo em questão os seus elementos constituintes: a tele

como fluxo contínuo, que se interrompe nas célebres TV *Interruptions* (1971) de David Hall ou nos pequenos anúncios de Chris Burden, que funcionam como pequenos elementos de distanciamento, de revelação do dispositivo, como também o som as imagens de espetadores de Bill Viola, que jogam a dar a virar do contrário o que vemos habitual-

mente. Mas também a televisom como lugar que em determinado momento pudo tomar a palavra de filósofos ou artistas, como o caso de Deleuze, Bourdieu ou Foucault. Umha palavra que surpreendentemente nom aparece domesticada aos tempos fragmentados do programa que se quer dinámico mas no qual nom se di nunca nada, senom que flui ao seu ritmo,

segundo o próprio caminho do pensamento que se expom.

Nalgum sentido, essa ênfase num certo momento utópico fai com que a exposição pareça tingida de umha certa nostalgia. Nostalgia de umhas margens para a experimentação que já quase nom existem, mas que também é provocada por umha certa sensação de fim de época, já que a maioria destas práticas assumem a centralidade da televisom, o seu lugar preferente dentro do espaço mediático. Assim, a exposição

tem algo de arquivo, sensação que se acrescenta com a dificuldade de abranger o exposto e ainda de aceder a muitos desses fundos, que em muitos casos aparecem precariamente conservados, como imagens arqueológicas que aguardam ser resgatadas. Mas esse inventário de formas possíveis ainda nos interroga. É o caso sobretudo da parte final da exposição, no qual toma corpo a ideia da televisom como espaço público, como lugar onde refletir e debater ideias. Ou onde analisar discursos e formas, como o caso dos programas exemplares de Farocki ou Kluge, exemplos fulcrais de ensaio fílmico, ou o pioneiro e magnífico estudo da representação que fai John Berger em *Ways of seeing* (1972), que questiona os nossos hábitos perceptivos e a nossa imagem da arte. Mas também a forma em que Adam Curtis recupera toda a bateria de recursos das emissões contrainformativas para combater a propaganda contemporânea.

Estades preparados para a televisom? toca estes temas e muitos outros e configura um espaço de pensamento, um lugar para visitar com calma e repetidas vezes, ainda que só seja para gozar de vozes perdidas no tempo ou polo assombro e diversom que provocam as açons mais atrevidas dos artistas quando conseguírom temporariamente tomar o mando da tevê.

